

XIII

O QUE A SOCIEDADE ATUAL ESPERA DOS JOVENS.

O QUE OS JOVENS ESPERAM DA SOCIEDADE. UM GRUPO DE REFLEXÃO.

Ruth Blay Levisky

Esquecer o passado é negar toda efetiva experiência de vida; negar o futuro é abolir a possibilidade do novo a cada instante. (Novaes,1994)

Viva!... Viva !...

Fogos de artifício preparam-se para embelezar os céus do Universo.

Paira um clima de euforia e de excitação em algumas pessoas na multidão; em outras, de depressão e tristeza.

Mas, o que está acontecendo no mundo? O que se comemora?

A virada de século que se aproxima!

Não é motivo para alegria?

Para alguns, sim, mas para outros representa inquietação. Vivemos um momento de ambivalências, em que grandes avanços no mundo científico têm surgido para benefício da humanidade, em contraposição a uma diversidade de problemas conseqüentes desse progresso. Violência, drogas, desequilíbrio ecológico da natureza, catástrofes, etc., etc., etc.

A violência, por exemplo, é um fenômeno que sempre existiu na humanidade. Mas ela vem crescendo assustadoramente no mundo moderno.

Somos apenas vítimas dessa violência contemporânea ou também responsáveis por ela? Que origem tem essa violência que entra em nossas vidas, sem pedir licença, e quando nos damos conta, já é parte integrante?

Pretendo, neste trabalho, refletir, levantar hipóteses, fazer per-

guntas e, mais do que isso, compartilhar minhas inquietações sobre a origem de certos fenômenos psíquicos que permeiam nossas relações interpessoais, familiares e sociais.

Independentemente da ótica sob a qual se queira investigar esse assunto, acredito ser imprescindível a inclusão da família no estudo do binômio *adolescência-violência*. Pois é a partir daí que surgem a origem, a história e o desenvolvimento biopsicossocial de cada um de nós.

Todos nascemos de um espermatozóide e de um óvulo, mas nem todos temos a experiência de ter tido um pai e uma mãe durante o nosso crescimento. Mas, é graças ao agrupamento de milhares de indivíduos e de múltiplas histórias, que se forma uma sociedade. Esta espelhará uma personalidade e será formadora de uma mentalidade e de uma cultura. Diante desse imbricamento, impossível de ser desarticulado, é que ensaio uma leitura psicanalítica destas questões, levando em conta os níveis intra, inter e transpsíquico.

Sabemos que os artistas, com grande sabedoria e elegância, mostram uma capacidade para transmitir a essência do homem, os seus conflitos e as suas crises no cotidiano. Por isso, os poetas, os dramaturgos, os escritores, os músicos e, aqui me atreveria a incluir os psicanalistas e psicoterapeutas, usam de recursos como a sensibilidade, a intuição e o conhecimento da mente humana para captar as emoções, os conflitos e trazê-los do plano mental inconsciente para a realidade.

Não é de se estranhar, portanto, que determinados filmes, músicas ou livros nos toquem, profundamente, e nos levem a vivenciar, com grande intensidade, algo que nos é familiar. Estamos falando de processos de identificação.

Quando pensamos em identificação, logo nos remetemos a identidade e a modelos. Lógico que a família surge imediatamente nesse cenário, assumindo o papel de protagonista e uma das grandes responsáveis pela formação da identidade do ser humano. É a partir da família e das experiências emocionais vivenciadas nas primeiras relações com os pais que são introjetados os modelos de identificação. Mas o homem, ao longo da vida, tem dentro de si várias famílias: a de sua infância, a da adolescência, a do casamento e a de seus filhos e netos. Estou me referindo a que o ser humano vai construindo relações, e a este espaço emocional que se forma na mente humana chamamos de intersubjetividade. Recordo-me de Elis Regina, que cantava uma música de Belchior

denominada “Como nossos Pais”, em que parte da letra expressa a questão do processo de identidade:

*Nossos ídolos ainda são os mesmos e as aparências não enganam, não
Você diz que depois deles não apareceu mais ninguém
**Mas é você quem ama o passado e não vê
Que o novo sempre vem**
Hoje eu sei que quem deu a idéia de uma nova consciência e juventude
Está em casa, guardado por Deus, contando vis metais
Minha dor é perceber que apesar de termos feito tudo, tudo que fizemos
Ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos pais...*

Nessa música, fica clara a revolta e a dificuldade do jovem de perceber e aceitar o fato de que, quando temos uma família, está implícita, inconscientemente, a idéia de continuidade e do peso que as heranças onto e filogenéticas apresentam na transmissão de valores éticos, morais e religiosos. “O novo sempre vem”, mas para isso não é necessário nem possível anular totalmente o passado. Onde se ancora o presente se organiza o futuro.

A partir disso, o historiador, Novaes, em 1994, no livro *Tempo e História* teria dito que “esquecer o passado é negar toda efetiva experiência de vida; negar o futuro é abolir a possibilidade do novo a cada instante”.

Esse pensamento encerra a idéia do moto contínuo que representa a vida; do movimento energético incessante que paira na natureza. É a correnteza das águas de nossos rios e mares, as forças de atração e repulsão dos astros no Universo, a plasticidade das formas existentes, as mudanças e catástrofes ecológicas ocorridas ao longo do tempo, assim como as transformações biopsicossociais surgidas através das gerações.

Por isso, para mim torna-se imprescindível investigar o sentido de nossas heranças, de nossas raízes, para fundamentar a nossa existência. Para ter a possibilidade de saber qual é o nosso papel neste mundo, assim como realizar nossas escolhas, é de essencial importância que conheçamos e respeitemos nossas origens e nossa história. Daí as crianças gostarem tanto de ouvir histórias sobre o seu nascimento, de saber sobre seus pais e ter o desejo de olhar fotos antigas. É o modo de, ao resgatar o passado, identificar-se com o presente e assim introjetar o sentimento de pertencer, de que se tem uma família, uma nacionalidade, que não se está só no mundo. É possuir uma identidade (Levisky, 1992).

Todos nós carregamos ancestrais em nossa origem e pertencemos a uma cadeia evolutiva. Ela sempre tem seu início no primitivo.

Freud, em sua obra, mostra uma marcante influência das idéias evolucionistas de Lamarck, ou seja, da necessidade adaptativa do ser humano para sobreviver e da incessante luta entre o instinto de vida e o de morte.

A psicanálise tem se preocupado com o entendimento do funcionamento do aparelho psíquico, a origem e a evolução dos conflitos, dos pensamentos, das neuroses e psicoses. Poderíamos dizer dentro desse enfoque que somos psicanalistas, pesquisadores das emoções e também, psicofisiologistas e biólogos da mente humana. Digo isso e assim me considero, pois me preocupo como muitos com a compreensão, funcionamento, origem e evolução dos fenômenos mentais.

Talvez não tenha sido coincidência a minha dupla formação: biólogo-geneticista, psicóloga- grupanalista e terapeuta familiar.

Pretendo fazer uma reflexão sobre adolescência e violência estudando possíveis correlações entre as heranças do psiquismo no indivíduo e a psicodinâmica familiar e social que se estrutura.

A questão das heranças, da transmissão psíquica, tem sido estudada por vários autores e vista sob diversos ângulos: o do inconsciente, ou referente ao espaço mental intrapsíquico; o do sociocultural, ou transobjetivo, e o ocupado pela família e relações interpessoais, ou também conhecido como o intersubjetivo. O próprio Freud, apesar de não usar esta terminologia, já se preocupava em seus trabalhos com a questão da herança psíquica, social religiosa e cultural da humanidade. O complexo de Édipo, como muitos outros de seus artigos, está voltado para a compreensão psicanalítica do desenvolvimento emocional e, para tal, leva em conta aspectos míticos e arcaicos presentes no ser humano.

Em “Totem e Tabu” (1912-1913), Freud coloca-se como herdeiro de culpas passadas pelos seus ancestrais e de lutos advindos e impostos pelas guerras.

Em “Psicologia das Massas e Análise do Ego” (1921), Freud se utiliza de um referencial genealógico para propor compreensão a respeito da estrutura do aparelho mental, em que o ego deriva do id, e o superego é o “herdeiro do complexo de Édipo”.

Mas, é quando ele escreve “Introdução ao Narcisismo” (1914), que afirma que o indivíduo é o escravo, o beneficiário e o herdeiro de uma cadeia intersubjetiva, formada por uma rede, em que parte dela é

constituente e parte, constituída (Kaés, 1996). Daí Kaés ter dito que o “o sujeito do grupo é o sujeito do inconsciente”, e que antes de nascermos, o inconsciente já nos coloca como contemporâneos, embora só chegaremos a ser pensadores através das ressignificações das experiências emocionais. Esse autor diz também que o grupo que nos precede é o que dá os sinais de reconhecimento, que oferece os meios de proteção e de ataque, assinala os limites, enuncia as proibições. “O sujeito torna-se o porta-voz dos desejos e proibições, das representações do grupo e, antes de tudo, da mãe”. O sujeito do grupo não pertence a um único grupo, mas, como já me referi, a vários que vão fazendo parte de sua existência. São espaços psíquicos de natureza intra, inter e transubjetiva que provavelmente são transmitidas por via genética e ambiental. Quando digo ambiental estou pensando na influência que o externo pode provocar sobre os processos de introjeção, identificação, mecanismos de defesa incorporados tanto nos níveis individuais, quanto coletivos, a herança dos mitos, valores e rituais. Penso ser a intersecção das instâncias inatas com as adquiridas, através das vivências relacionais, que formam a natureza do ser humano.

Mas, quando falamos de transmissão geracional, de que heranças estamos falando? Das emoções de forma geral? Dos mecanismos psíquicos, dos modelos, das crenças, dos rituais?

O assunto é vasto, complexo, intrigante e sem dúvida muito atraente, pois nos remete diretamente às nossas origens.

Vivemos hoje um momento muito especial, a mudança do século XX para o XXI. É emocionante e atemorizante, pois algo novo surge, algo se ganha, algo se perde e algo se transforma. Como “selecionar”, se assim posso me atrever a dizer, aquilo que será preservado e, portanto, transmitido? Essa transmissão geracional é vital para nossa sobrevivência?

Legendre (1985) diz existir uma necessidade inata de transferir-transmitir. A transmissão, segundo Kaés (1996), não se funda no conteúdo, mas no ato de transmitir. Por que alguns aspectos transmitidos são transformados, outros não?

Sabemos que muitos valores que hoje se consideram importantes, talvez não o serão amanhã.

O progresso da humanidade e os acontecimentos históricos revelam que as lutas para a conquista dos ideais do ser humano são responsáveis pelas transformações e implantação do novo. Como exemplo, temos as mudanças de ideologia, de regime político, da educação. Existe, no

meu entender, um impulso vital criativo que nos leva ao novo. Para se criar é preciso estar vivo, assim como, para se estar vivo é necessário criar.

Mas que critérios, se é que eles existem, são usados para a preservação ou para a extinção de modelos e de valores? São aleatórios? Ligados apenas à capacidade adaptativa do ser humano, à sobrevivência? Será que existe uma seleção biológica preocupada só com o corpo, ou também com a mente?

Penso que no rumo como a evolução da humanidade está caminhando, ao mesmo tempo que progressos científicos admiráveis vem sendo conquistados, a qualidade dos vínculos relacionais vêm sofrendo grandes mudanças, onde o viver cada vez mais isolado e egoísta tem sido a tônica. Isso analisado no nível biológico pode representar um processo evolutivo, o qual não nos cabe qualificar, se bom ou mau, mas, diferente. Mas, pergunto-me qual é a vantagem obtida nesse processo de mutação?

Sabemos da necessidade do ser humano de ser gregário, viver em grupos, casar-se, ter filhos, como uma forma de continuidade da espécie e de obtenção de um prazer, de natureza narcísica, ou seja, a de ter descendentes, que propiciarão a continuidade de seu nome.

Mas, o conceito atual de família vem se modificando rapidamente. Hoje os jovens casam com a mentalidade de que, se não der certo, separam-se, e está resolvido o problema. Quero dizer com isso que existe uma condição muito menor do que antigamente para suportar frustrações. Por outro lado, o nível de exigência é cada vez mais alto, gerando uma dificuldade para relacionamentos. O viver junto torna-se mais difícil, a ponto de que alguns jovens relutam em pensar no casamento, ou em ter uma relação mais estável. Abala-se o conceito de continuidade familiar.

Acredito que existe nos jovens um medo de assumir responsabilidades, principalmente, as de cunho afetivo. Quem sabe se a rapidez com que as descobertas estão acontecendo no mundo não estarão provocando uma confusão na mente humana, em que tudo tem que ser descartável?

Não podemos falar que esse estado confusional esteja ocorrendo somente com a juventude, mas também na esfera adulta. Os pais queixam-se com frequência que não conseguem colocar limites em casa. A mesma reclamação acontece nas escolas, na relação professor-aluno.

A questão da hierarquia, da autoridade, do respeito ao próximo, também está comprometida atualmente. Discute-se no mundo todo como

tornar mais eficaz o trabalho da polícia, uma vez que a violência cresce assustadoramente. Mas, isso está sendo propiciado através de sistemas repressores somente, e não educacionais, que possibilitariam uma possível mudança de mentalidade. Ou, se não me engano, acredita-se hoje, que é através das proibições que se educa. Fica um paradoxo, para o qual não encontro respostas.

A autoridade é necessária quando bem colocada, para dar referenciais e limites claros aos indivíduos. No entanto, parece-me que ela está sendo confundida, pois, ora, acredita-se no caminho do autoritarismo e do abuso de poder, ora no da libertinagem e da desordem. Talvez por isso exista tanta impunidade onde as leis existem, mas não são cumpridas.

A liberdade, o movimento democrático da livre expressão, do livre-arbítrio, foram maravilhosas conquistas da humanidade. Muito sangue foi derramado em lutas políticas para alcançar tal feito. No entanto, está havendo uma degeneração desses conceitos, onde a liberdade está sendo substituída por liberalidade. A autoridade pode ligar-se tanto ao sentido de ordem, quanto da opressão. É uma questão da forma como ela é aplicada.

Rojas e Sternbach (1994) dizem que o desinvestimento nos vínculos das figuras parentais, a perda da autoridade, acabam por outorgar aos filhos uma necessidade de posicionamento, atitudes e poderes que ainda não estão prontos para exercer, representando e provocando dessa forma uma violência familiar. Os pais estão frágeis diante das mudanças mundiais, e os filhos não estão capacitados ainda para assumir tanta responsabilidade.

Lembro que minha mãe contava que bastava meu avô olhar para os filhos, quando não concordava com alguma coisa, que eles imediatamente obedeciam. Na minha geração, essa autoridade foi sendo afrouxada, usada de outra forma, com mais liberdade. Já com meus filhos, a questão da autoridade e da hierarquia foi mais flexível ainda.

Estamos falando do confronto de gerações, em que os valores, os modelos sofrem uma ressignificação.

É bem possível que se transmitam algumas formações inconscientes através das gerações, por exemplo, as repressoras. Diz-se isso porque elas formam alianças, pactos e contratos inconscientes, que caracterizam, certamente, as estruturas mentais. A formação do superego e do ideal do ego seguem essa determinação subjetiva (Kaés, 1996).

Kancyper (1997) estudando a confrontação geracional entende que existem três tipos de situações que se formam:

- 1: Pessoas que são incapazes de se confrontar com os pais e os irmãos.
- 2: Aquelas que se confrontam dentro de um vínculo tanático.
- 3: As que se confrontam dentro de uma configuração edípica, na busca de uma identidade.

Freud, em 1930, quando escreveu “Mal-Estar na Civilização e Cultura”, descreve dois tipos de pais:

- a. Aqueles que evitam frustrar os filhos, fazendo tudo o que pedem.
- b. Aqueles que não dão amor aos filhos, criando uma situação de desamparo para a criança.

No primeiro caso, os pais demasiadamente tolerantes poderão contribuir para a formação de um superego muito rígido na criança, de forma que ela não encontrará meios para dar vazão a sua agressividade no meio externo, familiar, onde tudo pode, colocando-a, dessa forma, para dentro de si. Já na situação de desamparo dos pais em relação à criança, esta poderá desenvolver uma falta de tensão egóica e superegóica, e todo o seu ódio ser voltado para o exterior. Esse fenômeno também é observado nas instituições de crianças carentes ou nos jovens que vivem perambulando pela ruas.

O importante é a qualidade vincular estabelecida com a criança, seja ela feita pelos pais verdadeiros, substitutos, seja pelas instituições.

A violência das crianças e dos jovens atualmente pode estar relacionada à forma como ficaram impressas em sua mente essas primeiras vivências. A criança de hoje espelhará o adulto de amanhã. Uma estrutura emocional bem constituída poderá levar a criança a suportar melhor os percalços da vida.

Sabe-se que a adolescência, por si só, já é um momento turbulento e doloroso, tanto para pais, filhos e sociedade.

Isso reporta-me a uma música, de Rita Lee, “Ovelha Negra”, em que ela, com sua guitarra e seu ar de adolescente contestadora, expressa a dor do jovem para se dar conta e assumir seu processo de mudança. As estrofes denunciam também a irritação e o inconformismo dos pais em aceitar os novos modos de pensamento dos filhos. Isso é vivido pelos pais como uma transgressão, semelhante a um ataque inimigo. Os pais com frequência desejam que os filhos sigam o caminho idealizado em suas fantasias. O desvio desse percurso pode ser sentido como o início de uma guerra, de uma traição transgeracional. Isso pode ser identificado na letra desta música:

*Foi quando meu pai disse :
Filha, você é a ovelha negra da família
Agora é hora de você assumir, e sumir.*

O conflito de gerações é intrínseco ao processo de desenvolvimento da humanidade. Sair de um estado de dependência afetiva para buscar outras qualidades de afeto, na busca do companheiro, da profissão, compromete muito o equilíbrio da família. Se o caminho desejado pelo jovem for muito diferente daquele que os pais construíram em suas fantasias, geralmente, a crise se instala na família. Diria que essa crise também se expande e se incorpora à nação, produzindo estados conflitivos e confusionais na massa populacional.

Vale lembrar que muitas vezes o jovem, para se afirmar emocionalmente, precisa atacar os pais, matá-los simbolicamente para encontrar e assumir a sua identidade adulta. Pode-se usar esse mesmo modelo, para pensar que as transformações que estão ocorrendo no nível de valores, crenças, aspectos éticos, autoridade, repressão, aumento da erotização na sociedade, seriam também uma busca muito sofrida de uma outra identidade. Mata-se para dar espaço ao novo. Parece-me que esta tem sido a forma encontrada pela humanidade para a implantação das transformações.

Indago-me se é necessário usar desse mecanismo impulsivo ou se seria possível o uso de recursos menos primitivos.

Hoje podemos dizer que estamos vivendo uma *adolescência relacional* no mundo (Levisky, 1997b), diante das transformações que estamos passando, do aumento da impulsividade social, na busca de uma outra forma de equilíbrio emocional.

Sabe-se que em todo processo existem os preservacionistas, que lutam pela manutenção, e os desbravadores, que tentam com coragem e garra a implantação do novo.

Outro dia, numa sessão de grupoterapia, uma das pacientes queixou-se de que seu filho de 20 anos “mudou muito” na forma de se relacionar com ela. “Sempre fomos muito amigos. Apesar de ele ser filho único, não acho que seja mimado e não esteja preparado para a vida. Agora está ficando horas trancado em seu quarto e não quer nenhum papo comigo”. Começa a chorar e diz “ sentir-se muito magoada, sem entender o que está ocorrendo. Será que ele não vê que estou com 56 anos, e que só tenho a ele na minha vida”?

Uma jovem do grupo, de 30 anos, diz que acha que “o filho para existir precisa fazer isso com os pais; e que ela já passara por isso, e lembra-se que sofreu muito, pois se sentia culpada e ao mesmo tempo revoltada quando percebia a sua dependência aos pais. Hoje até se surpreendeu quando pediu a ajuda de seu pai para falar com o pedreiro, pois não estava sabendo como orientar a reforma de seu apartamento”. Uma outra pessoa do grupo, que também tem filhos adolescentes, fala que acha que seu filho escolheu estudar no interior, pois foi o jeito que encontrou para não se sentir preso à família e que ela tem de confessar, apesar de ter vergonha, que se sentiu bem com a saída dele: “Um a menos para me dar trabalho. Às vezes fico incomodada por ter tais sentimentos”.

Acho importante assinalar as contradições que os pais e filhos adolescentes se defrontam, justamente por estarem vivendo momentos novos, de transformações. É comum que os pais projetem suas angústias nos filhos, produzindo o conhecido “bode expiatório” da problemática. Por vezes, a dor de se defrontar com o envelhecimento provoca o sentimento de que não sobra mais espaço para nada na vida, só o dos filhos e o da família. Quando a relação do casal não está bem estruturada, acaba por romper-se durante a adolescência dos filhos. É comum o comentário: “Puxa, depois de vinte anos de casamento, acontece isso!”. A questão é que o processo já vinha acontecendo, sem o casal se dar conta disso.

Às vezes existem conluios inconscientes na psicodinâmica das famílias, das instituições e, porque não dizer, da sociedade, que produzem a formação de vínculos “enlouquecedores”, carregados de ambivalência, negação e duplas mensagens.

Winnicott (1957) já dizia que quando uma criança começa a roubar, a ser violenta ou a ter comportamentos delinqüenciais é porque algo também lhe foi roubado em sua vida.

Preocupo-me que, hoje em dia, as pessoas estão encontrando dificuldades para digerir a enorme quantidade de estímulos do mundo moderno. Acredito que isso esteja criando um estado de ansiedade, de dúvidas, de pouca clareza de limites, de uma falta de autoridade construtiva, representando uma violência para a mente humana.

O inquietante é que o ser humano nos dias de hoje cada vez mais tende para o isolamento. Penso que isso se dê talvez como uma defesa inconsciente contra as pressões e níveis de exigência e competitividade do mundo moderno.

Vivemos numa situação de grande ambivalência, em que transmitir nossos valores éticos e morais aos nossos filhos já não é suficiente, pois temos também que orientá-los a enfrentar a violência e o perigo que cada vez mais cresce em nosso meio. Violência por parte de quem? Do agressor ou do agredido? Refere-se ao indivíduo, à família, ao meio social ou a todos? (Levisky, 1995.)

Jurandir Freire Costa (1994) em seu livro *A Ética e o Espelho da Cultura*, afirma que “se você ataca sistematicamente o equilíbrio cultural de um povo, você retira dos indivíduos seu único dispositivo para enfrentar a desordem e o vazio. Você se torna um suicida”.

Para tornar mais viva nossas reflexões teóricas, tivemos a idéia de convidar um grupo de adolescentes para o II Encontro Adolescência e Violência: Conseqüências da Realidade Brasileira, realizado na Universidade de São Paulo, em 1996. Organizamos um fórum de debates entre os adolescentes, os profissionais e a platéia.

Foram convidados adolescentes entre 15 e 17 anos, pertencentes a várias camadas socioeconômico-culturais para participarem de um grupo de reflexão sobre o tema: O QUE OS JOVENS ESPERAM DA SOCIEDADE ATUAL. O QUE A SOCIEDADE ESPERA DOS JOVENS.

Coordenei esse grupo, de aproximadamente 400 pessoas. Os jovens foram selecionados a partir de convites feitos pela organização do Congresso a escolas públicas, municipais, estaduais, privadas e a instituições governamentais, como a Febem, e representantes dos programas educacionais em favelas, coordenados por Adriana Blay Levisky. No total integravam o grupo mais de 30 adolescentes.

Algumas instituições discutiram espontaneamente o tema proposto antes do encontro.

Esta atividade foi o encerramento do encontro. O clima emocional do grupo como um todo, assim como dos coordenadores, era de excitação e angústia, em relação ao que iria acontecer. Era uma experiência inédita. Não sabíamos que rumo seguiriam tantas pessoas pensantes reunidas num grupo tão grande e heterogêneo. Era um experimentar arrojado, embora tenha sido organizado com muita reflexão e cuidado.

Os jovens se dispuseram em subgrupos formados pelas instituições a que pertenciam. Sempre é mais fácil se partir do que é conhecido.

Como uma das coordenadoras, deixamos que esta organização se mantivesse entre os adolescentes e iniciamos a atividade colocando as regras de funcionamento do grupo, no sentido de dar oportunidade

para a maioria que quisesse participar. Apresentarei alguns trechos que julgo terem sido marcantes dessa vivência.

Os jovens iniciaram o grupo. Um adolescente, pertencente a uma das escolas da classe A, pergunta a um dos especialistas:

“Por que a mídia está tendo um papel tão destrutivo na sociedade? Faz tantos anúncios maravilhosos sobre a Coca-Cola, cervejas e cigarros, que a gente acaba comprando”.

Um publicitário responde que “existe liberdade para cada um agir como quiser”.

Vaia de todos e tumulto. A mídia e a sociedade têm que assumir a responsabilidade pelas conseqüências de seus atos.

Imediatamente, uma jovem de 16 anos, moradora de uma favela, com um ar de raiva e de provocação responde:

“Eu não compro, não tenho dinheiro!”

Um menino de 15 anos, o menor em estatura do grupo, falando português cheio de erros, que vive numa das entidades da Febem, balança a cabeça, apoiando o que havia sido dito pela colega anterior. Seu semblante me passava uma idéia de revolta, de tristeza, mas também de um conformismo e de apatia.

O clima de tensão aumentava na sala. Começavam-se a ouvir cochichos de todos os lados.

Uma outra jovem, pertencente ao grupo de alunos mais diferenciados, com muita raiva, falando alto, descontrolada, dirige-se ao menino de 15 anos:

“Por que vocês, aí da Febem, fazem a gente sentir tanto medo de vocês? Não se pode sair mais na rua, que vocês roubam a gente!”

Silêncio e tensão.

Aquela menina da favela, que conseguia se expressar de modo claro e brilhante, vem socorrer seu colega que, irritado, abaixara a cabeça.

“Você já passou fome na sua vida algum dia?”

A adolescente que acusara o rapaz da Febem, atônita pela resposta dada, começa a chorar. Certamente não era isso que imaginara ouvir.

O menino levanta a cabeça e, com uma voz fraca, responde:

“Algumas vezes, eu roubei para comer outras, para ficar com meus amigos. Eu não tenho ninguém mesmo!”

O tumulto espalha-se cada vez mais.

Alguém dos adultos lembra que estamos lá para discutir o tema: “O que a sociedade espera dos jovens, e o que os jovens esperam da

sociedade”. Foi a forma eleita para quebrar um pouco a angústia que crescia e contaminava o grupo.

O mesmo menino de 15 anos continua sua fala, perguntando:

“Eu quero saber o que a sociedade espera de nós, meninos da Febem?”

Uma pessoa da platéia, que trabalha com instituições de menores carentes, responde ao garoto, com voz emocionada:

“A sociedade quer que vocês morram!”

Essa pessoa é mal compreendida pelo grupo. Ela tenta se explicar, mas o grupo fala ao mesmo tempo, não lhe dando a palavra.

Um dos especialistas tenta romper com o mal-estar criado e, revoltado com a pessoa que havia feito a colocação, tenta acalmar os ânimos, aproximando-se de modo afetivo e carinhoso, principalmente dos jovens da classe baixa, que estavam visivelmente alterados.

Achei que seria justo dar novamente a palavra àquele que dissera ter sido mal interpretado por todos. Ele levanta-se, ruborizado, e com a voz embargada diz que tem dedicado grande parte de sua vida profissional para instituições de jovens carentes, e o que queria dizer, é que a sociedade, e o poder público, estão completamente alienados em relação ao que se passa em nosso meio. Que sua fala era um protesto e que estava do lado dos mais frágeis, e não contra eles.

Uma senhora que fazia parte do grupo de congressistas, muito emocionada, diz querer responder à questão feita pelo jovem:

“Sou filha de bóias-frias. Nunca tive facilidades em minha vida, mas sempre tive claro para mim que eu queria estudar e que essa seria a única maneira de sair do tipo de vida que levava. Pedia livros emprestados, andava quilômetros até a escola. Mesmo à revelia de meus pais, estudava depois do trabalho, à luz de velas, pois não tinha eletricidade onde morava. Portanto, eu sei e entendo bem do que vocês estão falando. Quero dizer para vocês que devem ir à luta. Não esperem nada da sociedade, nem de ninguém, porque não vão chegar a lugar nenhum desse jeito. São vocês que devem ir atrás.

Nesse momento, a emoção tomava conta de todos. Uns choravam, outros se inquietavam, remexendo-se nas cadeiras, alguns não paravam de falar, inclusive eu.

Intervim novamente para dizer que nosso tempo se esgotava, e que poderíamos tentar dar a palavra a todos os jovens, e a alguns adultos, para refletir sobre a experiência vivenciada.

A maioria dos jovens disse que foi uma vivência rica, muito importante, pois tiveram a oportunidade de trocar experiências ao vivo, e que provocou muitas inquietações e vontade de colaborar com a sociedade, embora não soubessem como fazê-lo.

Os jovens que já participavam de movimentos em suas próprias escolas, contaram seu trabalho aos demais e abriram espaço para adesões.

Esse grupo funcionou como um espaço intermediário que permitia experiências e trocas emocionais. Tinha um objetivo comum, a reflexão de aspectos psicossociais e a percepção das emoções que transitavam nos níveis intra, inter e transsubjetivos do grupo. Penso que a ênfase maior estava na instância do transsubjetivo. Entenda-se por transsubjetivo à relação do ego com o macrocontexto social. Segundo Puget e Berenstein (1993), “o sujeito nasce com um vínculo intersubjetivo, incluído num vínculo transsubjetivo, isto é, numa realidade social e cultural, referindo-se à nossa pertença social”.

Foi uma vivência que com certeza trouxe crescimento e inquietudes a todos os participantes. Os jovens nos disseram que se sentiram ouvidos e acolhidos, pela simples oportunidade de ser permitido a eles que colocassem suas idéias. Sugeriram que outros eventos como esses poderiam ser organizados.

Nesse grupo de reflexão, existiam jovens que pertenciam a famílias bem constituídas, outros sem famílias e uma multiplicidade de histórias variáveis entre os adultos que integravam o grupo,

A experiência mostrou que o simples meio de propiciar um estado emocional de continência permitiu ao grupo a possibilidade de trocas, de reflexão e acredito eu de crescimento, pelo menos do meu lado.

Lembro-me da seguinte frase:

“O que desejo frisar é que os pais são modelos identificatórios para os filhos, e os líderes de uma nação podem ser incorporados como modelos de caráter nacional, principalmente para a juventude” (Levisky, 1997a).

Através de uma compreensão psicanalítica tem-se a chance de conhecer melhor o funcionamento de nosso mundo mental.

Essa experiência grupal foi uma maneira de se entrar em contato com muitos tipos de emoções como competição, ciúmes, ódio, amor, inveja, que afloraram durante o processo. O difícil é poder conter e lidar com toda essa carga emocional, que geralmente eclode de maneira invasiva. O grupo nos mostrou sua força e seu poder sobre os indivíduos, que lutam para serem olhados, cuidados, amados e reconhecidos pelos outros.

Seria o mesmo que dizer que uma sociedade continente tem maior chance de favorecer a seu povo e a seus filhos o desenvolvimento de uma capacidade mais equilibrada para enfrentar as crises.

Enfatizo que, um meio social e uma família “bem estruturados” oferecem condições mais facilitadoras para conviver e lidar com os conflitos existentes.

É interessante perceber que o conteúdo dos conflitos se modifica com o tempo e com as influências socioculturais, mas a sua natureza e a sua essência, não.

Como a noção de tempo está mudando e vivemos no mundo das velocidades, o que é possível ser feito para a redução dessa marcha tão violenta?

Penso que um dos pontos que julgo importante é a preservação de nossas heranças familiares, de modelos, de valores éticos, morais e culturais, enfim, respeitar a História e o Tempo.

O problemático é como fazê-lo nos dias atuais!

“Acredito que uma maneira de desenvolver o ser humano, e quem sabe melhorar a qualidade de relação, seja a de investir mais na saúde mental do povo, pois assim teremos uma chance de conviver com a nossa violência e com a violência da humanidade” (Levisky, 1995).

Se partirmos da premissa que o ser humano é gregário por natureza, que logo depois de Adão, Deus fez Eva, temos que fazer um enorme esforço para lidar com nosso lado individualista, egoísta, e com a nossa forma cada vez mais narcísica de nos posicionarmos no Universo.

Creio que esse será um dos meios de se resgatar e desenvolver o lado humanístico da sociedade atual, que está escapando ao nosso controle. Claro que será dentro de uma nova configuração, adaptada às nossas necessidades atualizadas, mas sem deixar perder de vista as heranças onto e filogenéticas que nos acompanham e fazem parte de nossa essência.

BIBLIOGRAFIA

- COSTA, J. F. *A Ética e o Espelho da Cultura* ed. Graal, 2ª ed., Rio de Janeiro, Brasil, 1994.
- FREUD, S. “Totem e Tabu” (1912-1913), Tomo II, p. 1.947. *Obras Completas*, Madri Editorial Biblioteca Nueva, 1973.
- “Introdução ao Narcisismo” (1914), Tomo II, p. 2.017. *Obras Completas*, Madri Editorial Biblioteca Nueva, 1973.
- “Psicologia das Massas e Análise do Ego” (1921), Tomo III, p. 2.562. *Obras Completas*, Madri Editorial Biblioteca Nueva, 1973.
- “Mal-Estar na Civilização e na Cultura” (1930), Tomo III, p. 3.017. *Obras Completas*, Madri Editorial Biblioteca Nueva, 1973.
- KAËS, R. *Le groupe et le sujet du groupe. Éléments pour une theorie psychanalytique du groupe*. Ed. Dunod, Paris, 1993.
- KAËS, R., Faimberg, H., Enriquez, M., Baranes, J. J. *Transmision de la vida psíquica entre generaciones*. Amorrotu Ed., Buenos Aires, 1996.
- KANCYPER, L. *La confrontacion generacional. Estudio psicanalítico*. Paidós Ed. Buenos Aires, 1997.
- LEGENDRE, P. *L' inestisable objet de la transmission*. Paris, ed. Fayard, 1985 .
- LEVISKY, D. L. *Adolescência e Violência. Conseqüências da Realidade Brasileira*, Cap. I, p. 17, Ed. Artes Médicas, Porto Alegre, Brasil, 1997a.
- LEVISKY, R. B. *Família, uma Questão Hoje a ser Discutida?* Rev. Grupal, vol. 2, p. 80, 1992.
- *Conflito e Violência na Família e na Cultura, Anais III Enc. Luso-Bras.* Grupanálise e Psicot. Anal. Grupo, p. 157, Guarujá, S. Paulo, Brasil, 1995.
- “Conseqüências do Pós-Moderno na Subjetividade da Dinâmica Familiar”. *Rev. Psicopedagogia*, 16 (41), p. 38, Brasil, 1997b.
- NOVAES, A. *Tempo e História*, p. 9, ed. Companhia das Letras, S. Paulo, Brasil, 1994.
- PUGET, J. e Berenstein, I. *Psicanálise do Casal*. Ed. Artes Médicas, Porto Alegre, 1993.
- ROJAS, M. C. e Sternbach, S. *Entre los siglos. Una lectura psicoanalítica de la posmodernidad*, cap. 4, p. 81, Lugar Ed., Buenos Aires, 1994.
- WINNICOTT, D. *O Brincar e a Realidade*, ed. Imago, Rio de Janeiro, Brasil, 1975.